

AS NOÇÕES DE ENUNCIADO PARA BAKHTIN, FOUCAULT E PÊCHEUX

THE NOTIONS OF UTTERANCE FOR BAKHTIN, FOUCAULT AND PÊCHEUX

LAS NOCIONES DE ENUNCIADO PARA BAKHTIN, FOUCAULT E PÊCHEUX

*Annyelle de Santana ARAÚJO**

Resumo: Este presente trabalho intitulado “As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux” tem por objetivo apresentar as noções de enunciados para Mikhail Bakhtin, Michel Pêcheux e Michel Foucault, bem como outros conceitos que influenciaram estas noções. Esperamos destacar o ponto de abordagem de cada um dos autores já citados, bem como os seus pontos de aproximação e de distanciamento, além de ressaltar a relevância de cada um para a área de Análise do Discurso. Para isso, partimos de um levantamento bibliográfico de cada autor, a fim de identificar as concepções de enunciado adotadas por cada um.

Palavras-chave: Enunciado; Bakhtin; Pêcheux; Foucault.

Abstract: This article entitled “The notions of utterance for Bakhtin, Foucault and Pêcheux” proposes to present the notions of statement to Mikhail Bakhtin, Michel Pêcheux and Foucault, as well as other concepts that influenced these notions. We hope to highlight the point of each of the authors mentioned above, as well as their points of approximation and distancing approach and highlights the relevance of each to the area of the discourse analysis. For this, we review the literature of each author in order to identify the conceptions of statement adopted by each.

Keywords: Utterance; Bakhtin; Foucault; Pêcheux.

Resumen: El presente trabajo titulado “As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux” tiene como objetivo presentar los conceptos de enunciado de Mikhail Bakhtin, Michel Pecheux y Foucault, así como otros conceptos que influyeron en estas nociones. Esperamos poner de relieve el punto de enfoque de cada uno de los autores mencionados anteriormente, así como sus puntos de aproximación y

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras – Universidade Federal de Goiás, com área de concentração em Estudos Linguísticos (LP7) sob orientação da professora Pós-Doutora Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago. Contato: annyelle_15@hotmail.com.

alejamiento, y también subrayamos la importancia de cada uno para el área de análisis del discurso.

Palabras clave: Enunciado; Bakhtin; Pêcheux; Foucault.

Apresentação

Este presente trabalho intitulado “As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux” tem por objetivo identificar as abordagens sobre enunciado adotadas por cada um dos autores mencionados, bem como outras noções que contribuem para o entendimento deste conceito.

Apresentaremos inicialmente a noção de enunciado para Bakhtin. Em seguida, a noção para Foucault e por último a noção para Pêcheux. Essas noções serão apresentadas relacionando-as a outros conceitos dos autores, uma vez que a noção de enunciado se relaciona com outras noções, conforme veremos adiante. Depois, tentaremos esboçar uma aproximação entre as noções de enunciado dos três autores.

Nossa intenção não é ressaltar uma ou outra teoria, mas apresentar como este conceito é estabelecido a partir de três perspectivas, as aproximações e as contribuições desta noção para a Análise do Discurso.

Esperamos que este trabalho dê uma noção inicial do conceito de enunciado, visto que é impossível abordamos todos os aspectos e conceitos que o rodeiam.

1 As contribuições da noção de enunciado

Apresentaremos nesta seção, as considerações sobre enunciados que encontramos após uma pesquisa bibliográfica, partindo de três estudiosos: Bakhtin, Foucault e Pêcheux. Para esclarecer como cada um estabelece a noção de enunciado, faremos também um retorno a outras noções que são fundamentais para entendermos o que é enunciado.

1.1 As noções para Bakhtin

1.1.1 O dialogismo, a interação verbal e a ideologia bakhtiniana

Mikhail Bakhtin apresenta dois conceitos importantes para a análise do discurso e que também são fundamentais para a compreensão do conceito de enunciado para o autor, são eles: dialogismo e interação social.

Para o autor, o dialogismo ocorre em duas esferas: entre os interlocutores e entre os discursos. Pensar na relação dialógica dessas duas formas é pensar que há diálogo entre os sujeitos, o que caracteriza a interação verbal e que há diálogo também entre os discursos.

Barros (2001) destaca quatro características do dialogismo entre os interlocutores:

- a – a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem [...];
- b – o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos;
- c – a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;
- d – as observações feitas podem conduzir a conclusões equivocadas sobre a concepção bakhtiniana de sujeito, considerando-a “individualista” ou “subjetivista”. Na verdade Bakhtin aponta dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade. (BARROS, 2001, p. 30-31, grifos da autora).

Podemos observar, então, a importância que o diálogo entre os interlocutores tem dentro da teoria de Bakhtin, uma vez que é a partir deste diálogo que surge a linguagem, que surge o sentido do texto e a significação das palavras, além do diálogo ser também constitutivo dos produtores do texto, ou seja, eles são constituídos a partir da interação, que antecede a própria formação individual.

Quanto ao dialogismo entre discursos Barros destaca:

Bakhtin, repetimos, considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insiste no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos” ou seja, porque mantém relações com outros discursos. (BARROS, 2001, p. 30-31, grifo da autora).

Observamos então que todo o processo de comunicação se dá em uma relação dialógica, seja entre interlocutores, seja entre discursos.

Outro ponto importante na teoria de Bakhtin é a ideologia, para ele todo indivíduo carrega seus valores, que são adquiridos socialmente a partir da interação e conseqüentemente todos os discursos enunciados também irão carregar este valor ideológico. Diferentemente do que Saussure considerava como signo (significante + significado), o conteúdo e a imagem acústica, Bakhtin agrega agora os valores, considerando o signo como ideológico.

[...] E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a com verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Logo, todo signo é ideológico. (MIOTELLO, 2007, p. 170, grifo do autor).

Assim, segundo Bakhtin, todo signo carrega seu sentido no material, no social, no histórico, mas também no ideológico. Esse ideológico é adquirido socialmente e está diretamente ligado à classe social a qual pertence um determinado sujeito socialmente organizado.

Nesse sentido, a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construídos a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e

durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos [...] (MIOTELLO, 2007, p. 176).

1.1.2 A enunciação e o enunciado para Bakhtin

Como falamos anteriormente, os conceitos de dialogismo e interação verbal são fundamentais para a compreensão do enunciado para Bakhtin. Além destes conceitos, o teórico também nos apresenta a enunciação. Porém, os primeiros não são apresentados de forma direta em suas obras, mas são construídos ao longo das mesmas. Começamos então, pela noção de enunciação.

Ao pensarmos na enunciação, retornaremos ao conceito de interação verbal, uma vez que, a primeira é para Bakhtin o ato de fala, é fruto da interação social e é determinada pelo contexto.

“A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.” (BAKHTIN, 1990, p. 121).

A enunciação é o ato de fala e este ato só é possível mediante a interação verbal entre os sujeitos, além disso, o que se fala só terá sentido para os envolvidos, se estiver inserido em um contexto significativo. Isso nos mostra que apenas o aspecto linguístico não explica o sentido, uma vez que o mesmo não é construído a partir das unidades linguísticas, mas, sim, em um processo de interação, dentro de um contexto, ou seja, são outros elementos, exteriores à língua, que permitem que o que se fala tenha sentido.

Outro fator importante dentro da enunciação é o tipo de relação que os sujeitos envolvidos têm, isto é, se estão inseridos em um mesmo grupo, se possuem grau de parentesco etc., isso irá, também, determinar a forma da enunciação, produzindo sentidos. Vale lembrar que, ao tratarmos dos sujeitos na enunciação, estes não ocupam uma posição fixa, eles se alternam. Em um determinado momento, um sujeito é o locutor e o outro interlocutor e ao passar a palavra para o outro, estes papéis se invertem. Então, sempre há um jogo de inversões entre locutor e interlocutor.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A *palavra* dirige-se a um interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no sentido figurado. (BAKHTIN, 1990, p. 112, grifo do autor).

Dessa forma, observamos que a palavra do locutor sempre se dirigirá a um interlocutor, isso significa, nas palavras do próprio Bakhtin que a palavra é a ponte de ligação entre os sujeitos e que a “situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, 1990, p. 114).

Definindo então a enunciação, conforme Bakhtin, como ato de fala determinado pelo contexto, pode surgir uma dúvida quanto à questão do enunciado. Seria este apenas fala ou também os textos escritos?

Mikhail Bakhtin define então o enunciado como “a unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 293), isso significa que todo o processo de interação e, conseqüentemente, comunicação verbal, só se dará por enunciados. Sendo assim, só há comunicação verbal se houver enunciados e o discurso “se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma.” (BAKHTIN, 1997, p. 293). Os enunciados formam os discursos.

Como citamos anteriormente, Bakhtin ressalta os papéis dos sujeitos na interação. Eles não ocupam posições fixas, eles se alternam na posição de locutor. “As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela *alternância dos sujeitos falantes* [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 294, grifo do autor).

Essa alternância dos sujeitos ocorre porque o ouvinte não é passivo, ele recebe e compreende a significação e tem uma atitude responsiva, ou seja, o ouvinte sempre tende a dar a uma resposta ao enunciado, podendo concordar, discordar, a isso o teórico chama de

compreensão responsiva. Quando o ouvinte compreende e dá uma resposta, ele passa a ser o locutor, por isso há a alternância dos sujeitos.

[...] De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e essa atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prene de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 290, grifo do autor).

Essa atitude responsiva às vezes pode ocorrer de forma retardada, pode demorar em se ter uma resposta, mas “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.” (BAKHTIN, 1997, p. 291).

Outro ponto fundamental para entendermos ainda melhor a questão do enunciado é o dialogismo, como vimos, essa relação ocorre entre os interlocutores e entre os discursos. Este último se dá porque “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 291). Dessa forma, observamos que tudo aquilo que está antes do enunciado (do elo da cadeia) contribui para a formação dele e a partir dele surgirão outros enunciados (outros elos).

[...] O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto pode conferir-lhe. A relação com a palavra do outro difere radicalmente por princípio da relação com o objeto, mas sempre acompanha esta última. Repetimos, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro,

e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Vimos então que a enunciação é para Bakhtin o ato de fala da interação verbal e o enunciado é a unidade real da comunicação verbal (e constitui o discurso), conseqüentemente, ao pensarmos em enunciação ligamos à mesma às condições que permitem o aparecimento de um enunciado. Este enunciado não existe sozinho, ele se liga a outros enunciados numa relação dialógica e sempre estimula no ouvinte um desejo de resposta. Por isso, na interação as posições ouvinte e locutor não são fixas, elas se alternam e o enunciado sempre partirá de um sujeito para o outro.

1.2 As noções para Foucault

1.2.1 A história das ideias e a posição sujeito

Michel Foucault, filósofo francês, trouxe a partir da segunda metade do século XX inovações nos conceitos vigentes, principalmente no âmbito da Análise do Discurso (AD), pautando-se nas áreas da sexualidade e da loucura. Foucault rompe com algumas questões vigentes na época, o que causa um desconforto entre os teóricos, principalmente no que tange a história e o sujeito.

No que diz respeito à história, Foucault defende a nova história, uma história das descontinuidades, das rupturas, que passará a analisar as diferenças, diferente do que se vinha fazendo como análise histórica. Assim, destaca o autor (2013):

Ora, mais ou menos na mesma época, nessas disciplinas chamadas histórias das ideias, das ciências, da filosofia, do pensamento e da literatura (a especificidade de cada uma pode ser negligenciada por um instante), nessas disciplinas que, apesar de seu título, escapam, em grande parte, ao trabalho do historiador e a seus métodos, a atenção se deslocou, ao contrário, das vastas unidades descritas como “épocas” ou “séculos” para fenômenos da ruptura (FOUCAULT, 2013, p. 4, grifo do autor).

Com isso, observamos que a história passa a ser vista não como uma linearidade de acontecimentos, mas como descontinuidade,

como séries de acontecimentos (principais ou secundários). E estas séries serão analisadas a partir de suas diferenças, tentando estabelecer relações entre elas, agora, não mais as semelhanças interessam, semelhanças essas, que durante muito tempo serviram para facilitar as categorizações.

É como se aí onde estivéramos habituados a procurar as origens, a percorrer de volta, indefinidamente, a linha dos antecedentes, a reconstituir tradições, a seguir curvas evolutivas, a proteger teleologias, e a recorrer continuamente às metáforas da vida, experimentássemos uma repugnância singular em pensar a diferença, descrever os afastamentos e dispersões, em desintegrar a forma tranqüilizadora do idêntico (FOUCAULT, 2013, p. 14).

Essa mudança de abordagem da história tradicional (história do pensamento) para a nova história (história das ideias) implica em uma mudança também no papel do sujeito. A primeira coloca o sujeito como o centro de todos os acontecimentos, dotado de subjetividade, senhor soberano, cujos acontecimentos são resultados de sua consciência.

Se a história do pensamento pudesse permanecer como o lugar das continuidades ininterruptas, se ela unisse, continuamente, encadeamentos que nenhuma análise poderia desfazer sem abstração, se ela tramasse, em torno do que os homens dizem e fazem, obscuras sínteses que a isso se antecipam, o preparam e o conduzem, indefinidamente, para seu futuro, ela seria, para a soberania da consciência, um abrigo privilegiado. A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito [...]. (FOUCAULT, 2013, p. 15).

Como vimos, a história tradicional coloca todos os acontecimentos em torno de um único centro: o homem, e essa questão do sujeito como fonte ou não fundante é outro ponto que Foucault traz em sua teoria e que rompe também com o que vinha sendo estudado/feito, uma vez que, ao pensarmos em história não podemos dissociar o elemento humano. Porém, antes de partirmos para este outro ponto da teoria foucaultiana, vale ressaltar que, como o próprio autor destaca esta mudança de abordagem não implica “no

desaparecimento da história e sim a supressão desta forma de história [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 17).

Como já citamos outro ponto de ‘rompimento’ na teoria de Foucault é a questão do sujeito. Se o autor passa a adotar uma história das ideias e não mais uma história do pensamento que coloca o homem no centro de todos os acontecimentos, logo isso implica em uma mudança também no tratamento do sujeito.

Michel Foucault, em sua teoria, descentraliza o sujeito, este não é o centro de todos os acontecimentos, o sujeito agora é apenas uma posição ocupada, posição essa que poderia ser ocupada por qualquer sujeito e, portanto, é um espaço vazio.

[...] Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...] (FOUCAULT, 2013, p. 15).

Essas duas rupturas que Foucault apresenta em sua teoria são fundamentais para entendermos a forma com que o autor trata o enunciado.

1.2.2 A noção de enunciado

Michel Foucault traz em suas obras a noção de enunciado e o tratamento que o autor dá à história e ao sujeito influencia essa noção.

O autor trata o enunciado como aquilo que foi efetivamente dito e não importa de onde se tenha partido, o que importa é que foi possível dizer. E ao ser dito, o que nos interessa não é a intenção do sujeito, do qual se partiu o enunciado, nem aquilo que está nas entrelinhas, uma vez que o que precisamos saber está dito, está posto.

Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de

estruturas e de unidades possíveis que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2013, p. 105).

Como vimos, o autor não desconsidera a materialidade linguística, uma vez que o enunciado só tem existência nos signos linguísticos e é a partir deles que ele terá sentido e poderá ser considerado como verdadeiro ou falso. O enunciado tem, então, a sua existência determinada pelos signos, mas a partir de conteúdos concretos, determinados pelo tempo e pelo espaço.

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem e se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2013, p. 105, grifo do autor).

Para entendermos melhor essa noção de existência no tempo e no espaço, precisamos retornar à nova história, a história das descontinuidades, das rupturas, adotada por Foucault, porque essa noção vai influenciar, as condições de aparecimento do enunciado, porque este vai ser tratado como um acontecimento, e não como um processo. Por isso, a necessidade de se considerar a descontinuidade.

É preciso acolher cada momento do discurso, sua irrupção de acontecimento; na pontualidade em que ele aparece, na dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até em seus menores traços, enterrado, bem longe de qualquer olhar, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo da instância próprio de cada um. (FOUCAULT, 2013, p. 47).

Consequentemente, ao pensarmos nessa mudança da história, há também a mudança da posição do sujeito, por isso o mesmo é tratado como uma posição, que pode ser ocupada por qualquer sujeito, não importa quem diz, mas que foi possível dizer.

O sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. (FOUCAULT, 2013, p. 113).

Mas o que irá caracterizar um enunciado como tal? O teórico afirma que um enunciado não pode ser associado a uma frase, proposição ou atos de fala, o que irá fazer com que ele seja assim reconhecido é a função enunciativa.

Conforme destaca Gregolin (2004, p. 26, grifo da autora):

Por que o que torna uma frase, uma proposição, um ato de linguagem em um enunciado é justamente a *função enunciativa*: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado.

Vimos a partir do que foi afirmado que um dos elementos fundamentais na função enunciativa é o sujeito, e como já falamos anteriormente, o sujeito para o autor é uma posição neutra que pode ser ocupada por qualquer sujeito, “o sujeito do enunciado não é o mesmo de um enunciado a outro; essa função pode ser exercida por diferentes sujeitos” (GREGOLIN, 2004, p. 27). Para que se tenha um enunciado é necessário o sujeito que assumirá o papel de autor, não como origem e sim como função, mas como aquele que reuniu os elementos na enunciação. Poderia ser qualquer indivíduo e ele não tem importância, o que importa é que pôde ser enunciado.

Para explicar, ainda, a noção de enunciado, Foucault, faz o uso de uma metáfora, na qual cada enunciado é considerado um nó em uma rede, isso significa que todos estão em constante relação, e que um sempre irá se relacionar com outro.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado geral, enunciado livre, neutro, independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando, e

deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e íntima que seja. (FOUCAULT, 2013, p. 120).

Sendo assim, nenhum enunciado tem sua existência independente do outro, um enunciado sempre se remeterá a outro, em uma espécie de jogo, por isso podemos dizer, que um enunciado, que é um dito, já foi dito, ninguém fala nada pela primeira vez. Por isso o que interessa para Foucault é justamente esse sistema de dispersão dos enunciados, o que permite que haja determinado enunciado, que este se disperse ou não.

A questão que coloco é aquela, não dos códigos, mas dos acontecimentos: a lei da existência dos enunciados, o que os torna possíveis – eles e algum outro em seu lugar; as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não. (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Como os enunciados estão em relação com outros, Foucault (2013) ressalta que o que se precisa estudar é o jogo de relações entre os mesmos:

Seria preciso caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege sua repartição, como se apóiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição. (FOUCAULT, 2013, p. 42).

Sendo assim, essas relações que os enunciados mantêm entre si constituem um campo enunciativo, eles fazem parte de um campo de relações. “Com tudo isso, quero dizer que, desde a sua raiz, o enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual.” (GREGOLIN, 2004, p. 30). Porém, apesar de fazer parte deste jogo de relações, deste campo enunciativo, cada enunciado é singular, justamente por ser da ordem do acontecimento e por isso a materialidade é muito importante: “A materialidade é constitutiva do enunciado: ele precisa ter uma substância, um suporte,

um lugar, uma data” (GREGOLIN, 2004, p. 31). Além disso, um enunciado sempre faz referência a algo que identificamos (referente).

Estes enunciados, que fazem parte de uma rede e que mantêm relações entre si (remetem-se uns aos outros, excluem-se, transformam-se etc.), em conjunto formam o que Foucault chama de discurso. Portanto, o discurso é um conjunto de enunciados, um conjunto daquilo que foi efetivamente dito e que mantêm relações entre si.

o discurso é constituído por um conjunto de seqüências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhe podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar – como tentarei em seguida – que a lei de tal série é precisamente o que chamei até aqui, *formação discursiva* [...], o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação, é assim que poderei falar de discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico. (FOUCAULT, 2013, p. 131, grifo do autor).

Ao falar sobre discurso, Foucault se refere a outro conceito: formação discursiva. A formação discursiva irá existir quando pudermos descrever as regularidades dos enunciados (temas, conceitos). Sendo assim, o que irá definir uma formação discursiva dada, são as regularidades dos enunciados que irá garantir a dispersão e manutenção dos mesmos. Por isso, Foucault afirma que é devido a essas regularidades que se pode falar da existência de um discurso clínico, de um discurso psiquiátrico etc. A formação discursiva nos permite agrupar enunciados.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma formação discursiva [...] (FOUCAULT, 2013, p. 47).

Esse agrupamento promovido pela formação discursiva deve obedecer a um sistema de regras, denominado positividade.

Esse sistema de quatro níveis, que rege uma formação discursiva e deve dar conta não de seus elementos comuns mas do jogo de suas defasagens, seus interstícios, suas distâncias – de qualquer forma, e suas lacunas, mais do que de suas superfícies plenas –, é isso que proporei chamar de sua *positividade*. (FOUCAULT, 2000, p. 110, grifo do autor).

Podemos ainda citar outro aspecto importante dentro da teoria de Foucault: a questão da verdade. São as verdades que irão possibilitar que se diferencie aquilo que é verdadeiro, daquilo que é falso. Isso significa que o enunciado, considerado como um dito, não pode ser um dito qualquer, ele deverá respeitar um conjunto de verdades que circulam na sociedade. Por isso, o enunciado é determinado pela época, pelo tempo, pelo espaço, isso significa que nem tudo pode ser dito, porque algumas coisas simplesmente não são aceitas na sociedade.

Mas quem dita o que irá pode ser dito e o que é verdade? Entramos então, em outra relação estabelecida por Foucault: a relação saber-poder, no qual quem domina o saber, detém o poder. Esse saber não é o saber científico, mas “o conjunto assim formado, a partir do sistema de positividade e manifesto na unidade de uma formação discursiva, é o que se poderia chamar de saber”. (FOUCAULT, 2012, p. 110).

Sendo assim, o enunciado para Foucault é o dito, um nó na rede, que mantém relações com outros enunciados, que em conjunto formam um discurso, que quando apresenta regularidades fazem parte de uma formação discursiva (discurso médico, discurso religioso, discurso político), que precisa ser autorizado por quem tem o saber e consequentemente tem o poder.

1.2.3 A arqueologia Foucaultiana

Michel Foucault nos apresenta em suas obras o método arqueológico de análise dos enunciados, que segundo Gonçalves (2009, p. 12): “A grande função desse método é tentar compreender as condições históricas e sociais que possibilitam a irrupção dos acontecimentos discursivos”.

Foucault não irá tomar o discurso a partir do sistema linguístico, ele não se preocupa com as suas regras formais, como o estruturalismo de Saussure se preocupava, ele toma o discurso a partir do seu acontecimento, da sua existência, da sua autorização.

Vocês têm razão: o que analiso no discurso não é o sistema de sua língua, nem, de uma maneira geral, as regras formais de sua construção; pois não me preocupo em saber o que o torna legítimo, ou lhe dá a sua inteligibilidade. A questão que coloco é aquela, não dos códigos, mas dos acontecimentos: a lei da existência dos enunciados, o que os torna possíveis – eles e algum outro em seu lugar; as condições de emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não. (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Sendo assim, como o próprio Foucault afirmou, não deve se prender às regras que ditam o funcionamento da língua ou que permite que um enunciado seja construído e entendido. O que se quer é entender a ‘lei da existência dos enunciados’, o que interessa é saber o que possibilita que surja um enunciado e não outro em seu lugar.

Voltemos à expressão ‘arqueologia’, Foucault nos traz a definição deste termo, alindo-o a um novo conceito: o de arquivo, Foucault (2010):

O que faço não é nem uma formalização ou *exegese*. Mas uma *arqueologia*: quer dizer, como seu nome indica de maneira bastante evidente, a descrição do *arquivo*. Por essa palavra não entendo a massa de textos que puderam ser recolhidos em uma dada época, ou conservados dessa época através das transformações do esquecimento. Compreendo o conjunto das regras [...] (FOUCAULT, 1968, p. 9, grifos do autor).

Como vimos, a arqueologia consiste na descrição do arquivo e o arquivo são as regras de existência do enunciado, é aquilo que permite o seu aparecimento ou desaparecimento. É claro que, é impossível esgotar o arquivo de um enunciado, uma vez que o mesmo é constituído por outros, ou seja, um enunciado está sempre ligado a outros. Então, o que se quer é traçar, de maneira simples, algumas destas condições que permitem o surgimento de um enunciado e, para

isso, é necessário que se faça um recorte histórico (o que retoma novamente a questão da história das descontinuidades).

Sendo assim, de maneira simples, o método arqueológico proposto por Foucault busca identificar as regras de formação dos enunciados e, conseqüentemente, dos discursos, a fim de entender o que possibilitou a sua existência, o que garante a sua circulação, o seu desaparecimento, seu esquecimento ou seu adormecimento.

1. 3 As noções para Pêcheux

1.3.1 Algumas considerações de Pêcheux

Michel Pêcheux é considerado o ‘pai’ da Análise do Discurso de linha francesa e no final do século XX ele propõe uma nova concepção de língua, agregando ao conceito de Saussure alguns elementos. Agora, a língua vai além de sua estrutura, de sua forma, e passa a se considerar também o social, o ideológico e o foco é o discurso.

Os estudos linguísticos vinham até então se desenvolvendo a partir de duas vias: o Logicismo (formalismo) e o Sociologismo (historicismo). Pêcheux propõe então uma outra via para que se desenvolvam os estudos linguísticos e essa via seria o discurso.

Onde o logicismo procura universais (escolásticos, em seguida, racionalistas), o sociologismo vai aparecer uma dispersão e uma alteridade no espaço e no tempo. Onde o logicismo enuncia leis e constrói uma teoria gramatical, o sociologismo enuncia uma descrição, fazendo um estudo empirista dos dados. [...] O logicismo, enfim, coloca a autonomia da linguística, enquanto o sociologismo se dá o indivíduo em situação como concreto linguístico, o que tem como consequência um destino de participação interdisciplinar para a linguística, assim concebida. (PÊCHEUX; GADET, 1998, p. 5).

De maneira geral, o Logicismo é destacado por Pêcheux como a busca por leis gerais, leis que regem o funcionamento da língua, ou seja, a língua é tomada por ela mesma, enquanto o Sociologismo coloca o sujeito no centro da língua. O teórico então ressalta a importância de se ter uma outra via para os estudos, que não foque apenas o linguístico e que não ressalte apenas o sujeito. “Esclarece-se,

conforme, a oposição entre “logicismo” e “sociologismo”, que a análise do discurso propõe um outro lugar, uma outra via para os estudos da linguagem” (GREGOLIN, 2005, p. 101).

O discurso proposto então como esta outra via para os estudos, não abandona a concepção estrutural e formal da língua, mas adiciona a este conceito outros elementos: o social, o histórico e o ideológico.

Pêcheux ressalta que a língua, enquanto seu caráter formal, é o espaço da materialidade e será sempre a base para qualquer construção discursiva, ou seja, qualquer manifestação do discurso só será possível com o uso da língua. Ela é o espaço comum para estas construções. “Ao mesmo tempo que se faz necessária uma desobjetivação da teoria da linguagem - e aí a noção da língua é fundamental - é preciso considerá-la como base comum de processos discursivos diferenciados.” (ORLANDI, 1998, p. 3).

Michel Pêcheux não nega o seu lado marxista, e isso fica evidente quando ele agrega à língua o social e o histórico. Para ele, as lutas de classes é que determinarão a posição que o sujeito ocupa na sociedade, quais os valores e crenças que ele irá carregar. Por isso, os valores dentro da sociedade são variáveis, uma vez que estão diretamente ligados às diferentes classes sociais, ou seja, os valores são considerados diferentes em cada esfera da sociedade. Porém, ao considerar a ideologia dessa forma, o autor a coloca como cristalizada e homogênea, como se os valores não pudessem ser o mesmo em esferas sociais diferentes.

Outro ponto que merece destaque dentro da teoria de Pêcheux é o conceito de formação discursiva: Como vimos, a posição social e a ideologia são fatores importantes na constituição do sujeito. Sob este aspecto, a formação discursiva:

Chamaremos então formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes, determina ‘o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)’. (PÊCHEUX; GADET, 1998, p. 10, grifo dos autores).

Diante deste conceito, observamos que para o teórico o sujeito não pode falar sobre qualquer coisa, nem em qualquer lugar, uma vez

que ele ocupa um determinado lugar na sociedade e é este lugar que o autorizará a dizer algo ou não.

Este sujeito de que fala Pêcheux, foi trazido das teorias de Lacan (que se baseou nas teorias de Freud) e se trata de um sujeito atravessado pela psicanálise, um sujeito inconsciente. Conforme destaca Coracini (2005, p. 35): “Eles remetem à concepção de sujeito psicanalítico, atravessado pelo inconsciente e marcado pela impossibilidade de controle de si e dos efeitos de sentido de seu dizer [...]”

Ao pensar na Formação Discursiva e nessa noção de sujeito, Pêcheux destaca, ainda, esquecimentos que atingem o indivíduo. O sujeito acredita ser a fonte de tudo aquilo que ele diz, e acredita também ter domínio sobre aquilo que ele diz, porém, retornando à concepção da psicanálise, o sujeito é inconsciente e não tem controle sobre suas ações.

Mas o que é discurso para Pêcheux? Para o autor, discurso são os efeitos de sentido que são gerados entre os interlocutores, conforme destaca:

O discursivo é então concebido como um processo social cuja especificidade está em que sua materialidade que é linguística. Assim, o objeto a propósito do qual a análise de discurso produz seu resultado não é um objeto linguístico, mas um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervem como pressuposto: os processos discursivos são a fonte dos efeitos de sentido e a língua é o lugar material em que esses efeitos se realizam. (ORLANDI, 1998, p. 11).

Sendo assim, o discurso é o efeito de sentido gerado que se manifesta na materialidade linguística e é também o espaço no qual se pode compreender as relações de poder, é no discurso que elas são simbolizadas. “Com a AD podemos compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas” (GREGOLIN, 2005, p. 10). E ainda, conforme destaca Orlandi:

Eu diria, com minhas palavras, que o que M. Pêcheux mostra é que, essas outras formas de reflexão, estabelecidas na oposição escrita – e na contradição - entre formalismo e sociologismo mantêm o simbólico fora do alcance do político, como se isso não estivesse, pois, em questão. Ao contrário, uma reflexão como a análise de

discurso, ao propor um deslocamento teórico, procura trabalhar o confronto do simbólico com o político em um objeto próprio: o discurso. (ORLANDI, 1998, p. 5).

Com base nestas noções, brevemente apresentadas, de Pêcheux, podemos observar que o teórico coloca o discurso como outra via para os estudos linguísticos, não priorizando apenas a forma da língua (logicismo) nem colocando o homem como o centro de tudo (sociologismo). O autor não abre mão da materialidade linguística, mas agrega a ela outros fatores como: o social, o ideológico e o histórico. Para ele, as relações sociais, as classes sociais, influenciam diretamente a ideologia de determinado grupo e determinam aquilo que pode ou não ser dito por determinada pessoa e os efeitos de sentido produzidos constituem então o discurso, que também é espaço do simbolismo das relações de poder. E é na história, no percurso histórico, que essas relações sociais são estabelecidas e podem ou não ser modificadas.

1.3.2 A noção de enunciado para Pêcheux

Em sua obra “O discurso: estrutura ou acontecimento?”, Michel Pêcheux promove uma discussão sobre enunciado, a partir de um enunciado específico “On a gagné” que traduzindo significa “Ganhamos”. Para proceder a análise deste enunciado, o teórico propõe um entrecruzamento de três procedimentos de análise: considerá-lo como acontecimento, como estrutura ou em uma relação entre descrição e interpretação.

Pêcheux ao pensar em “Ganhamos” nos afirma que para compreendermos este enunciado é necessário que pensemos sobre o sujeito do mesmo e sobre o complemento. Isso é necessário porque um mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes, uma vez que pode fazer parte de situações distintas que irão corroborar em sentidos diferentes. Dessa forma, destacamos o caráter de opacidade do enunciado, cuja interpretação não é estabilizada, isso é, pode variar.

Mas, simultaneamente, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] é profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um pronome “indefinido” em posição de sujeito, a marca temporal-aspectual de realizado, o lexema verbal “gagner” [“ganhar”], a ausência de complementos) imerge esse enunciado em uma rede de

relações associativas implícita – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável (PÊCHEUX, 1990, p. 23, grifo do autor).

O teórico ressalta o fato de todo enunciado implicar em outro e fazer parte de uma rede de relações. Isso mostra que nenhum enunciado é independente, que todos estão interligados e para que o mesmo faça sentido ou seja compreendido são necessárias essas ligações, uma vez que um mesmo enunciado pode apresentar interpretações distintas e são os outros enunciados aos quais ele se liga que garantirá a compreensão. Dessa forma, como ressalta Pêcheux (1990, p. 53): “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de descolar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Voltando aos três meios de análise evocados por Pêcheux e entrecruzados, ao pensarmos no enunciado como estrutura, nos voltamos para o real da língua. É a língua que irá permitir a materialidade do enunciado. O enunciado é também da ordem do acontecimento (noção emprestada de Foucault), que irá determinar a interpretação do mesmo. “Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso” (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

Dessa forma, o enunciado para Pêcheux é aquilo que foi dito, porém descritível dentro de uma materialidade linguística, cujo sentido será estabelecido a partir de relações entre enunciados. Para o autor, o que importa é o ‘significado’ que determinado enunciado terá numa dada formação discursiva, conforme destaca Orlandi (2005, p. 11):

Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursiva que são seu lugar histórico provisório.

2 Aproximações e distanciamentos das noções de enunciado

Como observamos no que foi exposto anteriormente, a noção de enunciado apresentada por cada um dos estudiosos é impulsionada por outros conceitos. Bakhtin tem sua noção influenciada pelos conceitos de interação verbal, ideologia e dialogismo. A noção de enunciado, para Foucault, tem influência da nova história, da noção de sujeito e Pêcheux, que passa por várias fases dentro da Análise do Discurso, tem sua noção influenciada pela ideologia, pela história e pelo social.

A principal diferença entre estes autores é a consideração do sujeito. Bakhtin ressalta a interação verbal, e coloca que o enunciado, a língua e o próprio indivíduo, terá existência a partir desta relação, e a palavra ou o enunciado sempre se dirigirá a outra pessoa. Para Pêcheux, o sujeito é psicanalítico, inconsciente, e este o faz ser atingido por dois esquecimentos. Ele esquece que não é fonte do dizer, que aquilo que disse já foi dito. E faz surgir a ideia de ser o senhor das palavras, se esquecendo de que, ao dizer algo, não é livre em suas escolhas; diz a partir das possibilidades que lhe são dadas, ele disse algo, mas poderia ter dito de outra forma. Para Foucault, o sujeito é uma posição ocupada, é um espaço vazio, não é o centro e pode ser ocupada por qualquer indivíduo.

Outro ponto de divergência entre Bakhtin, Pêcheux e Foucault é a consideração da ideologia. Bakhtin considera a mesma como valores que cada indivíduo carrega, Pêcheux como valores, motivados pelas lutas de classes e Foucault não fala de ideologia, porém fala da relação saber-poder, na qual quem tem o saber detém o poder.

Pêcheux e Foucault ainda se distanciam na noção de formação discursiva, enquanto o primeiro considera a FD como tudo aquilo que pode ser dito por um determinado sujeito em uma determinada situação, o segundo considera a FD quando a partir de enunciados é possível identificar uma regularidade, como tema, conceitos e assim se tem os discursos médicos, religiosos etc.

Baronas (2004, p. 55-56) destaca que “para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tais como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria e etc.” Ainda segundo o mesmo

autor (idem), para Pêcheux a formação discursiva este conceito é “gestado no ventre do marxismo/althusserianismo e aparece como ‘aquilo que pode e deve ser dito’”, mas sempre levando em conta o social, o ambiente no qual o sujeito está inserido.

Podemos destacar nestas duas concepções acerca da noção de formação discursiva, o caráter homogêneo que Pêcheux atribui às FD, como se cada esfera social tivesse uma única FD e a mesma não fosse atravessada por outras. Já em Foucault, a preocupação é com a regularidade e dispersão, isso significa que uma FD vai ter uma regularidade em seus enunciados, porém um mesmo enunciado pode fazer parte de FDs diferentes, o que mostra o caráter heterogêneo.

Porém, apesar destas diferenças, todos os autores se aproximam ao considerar a língua como espaço da materialidade do enunciado, estes últimos só terão suas existências garantidas a partir da língua. A língua garantirá através de sua estrutura, de suas regras, de suas normas, o simbolismo.

Outro ponto de aproximação é a noção de que todo enunciado sempre se relacionará com outro, seja sendo considerado como um elo numa cadeia, uma rede de relações ou um nó em uma rede. Nenhum enunciado tem existência independente, todos eles mantêm relações com outros enunciados, podem sofrer transformações, sofrem influências etc.

Tudo o que foi dito, enunciado, seja uma palavra, um texto, um gesto, uma frase mantém relação com outros elementos, retoma outros enunciados, faz surgir outros, sempre em um jogo de relações.

Isso nos mostra, de maneira simples e geral, que embora cada autor tenha sido influenciado de maneira diferente, eles mantêm certa ligação e é possível traçar uma aproximação entre eles.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar as noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux. De maneira geral e objetiva tentamos esboçar alguns conceitos que influenciaram as noções de cada teórico, tentando traçar uma zona de aproximação e de distanciamento.

Pudemos observar que, no que tange às noções de história, de sujeito e de ideologia, os estudiosos se distanciam. Porém, ao

considerar o enunciado como algo que mantém relação com outros e que se materializa na língua, eles se aproximam.

Há uma tentativa dentro da AD de sempre se estabelecer rompimentos entre o que diz um estudioso e o que diz outro. Esperamos que este trabalho comece a delinear pontos de convergência entre estudos distintos, destacando que em alguns pontos essas teorias se tocam.

Depois do contato com essas noções de enunciado, vimos que cada autor tem sua forma de delinear o conceito de enunciado, tem suas influências.

Não queremos aqui julgar uma teoria como melhor ou como mais completa, uma vez que cada uma tem sua importância. Uma vez que, como destaca Pêcheux (1998, p. 4):

a história da Linguística apresenta uma particularidade em relação a história das outras ciências (por exemplo, a física) que é a de que a gente não encontra nela, aparente invalidação definitiva de teorias. Assistimos, com efeito, à produção de conceitos científicos mas, e isso é significativo, aquilo que contra o que se constituíram esses conceitos continua a existir e a produzir efeitos na pesquisa.

É claro, que este trabalho é apenas um esboço do que considera cada autor como enunciado, é impossível esgotarmos tudo o que cada um nos traz, porém esperamos que esse sirva como ponto de partida para possíveis estudos dentro da Análise do Discurso, uma vez que, os analistas de discurso trabalham com os enunciados que se materializam, através da língua, nos mais variados suportes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Viera. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARONAS, Roberto. Formação Discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). *M. Foucault e dos domínios da linguagem - Discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 45-62.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 27-35.

CORACINI, Maria José R. F. Ler Pêcheux hoje: no limiar das dúvidas e (in)certezas. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, p. 31-40, jun. 2005.

FARIA, Daiana Oliveira; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Discursos e movimentos na página do Google. *Entremeios – revista de estudos do discurso*, v. 7, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br>>. Acesso em: 14 out. 2013.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: _____. *Ditos e escritos IV*. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-24.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GONÇALVES, Sérgio Campos. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault. *História e-História*, Campinas/SP, v. 1, p. 1-21, fev. 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). *M. Foucault e dos domínios da linguagem*. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 45-62.

_____. Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Linguística. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, p. 99-111, jun. 2005.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Glória: GRAAL, 1982.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 167-176.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. *Estudos da Lingua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2005.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a Linguística fora do Logicismo e do Sociologismo? Tradução de Eni P. Orlandi. *Escritos - Discurso e Política*, Campinas: Labeurb, n. 3, p. 5-16, 1998.

Recebido em 29/10/2013

Aceito em 06/06/2014